

Ano 20 • Número 17 • 30 de abril de 2018

Intenção de investir é a maior em quatro anos

Confiança da indústria gaúcha volta a cair

Várias medidas serão necessárias para que se perceba a queda nos juros

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Intenção de investir é a maior em quatro anos

A Sondagem Industrial do RS, pesquisa de opinião empresarial realizada pela FIERGS, do mês de março e do primeiro trimestre de 2018, mostrou que o cenário conjuntural para a indústria gaúcha permanece o mesmo: o processo de recuperação moderada continua e deve persistir nos próximos meses.

Com exceção do grau de UCI e dos principais problemas, divulgados na forma de percentual, os demais indicadores variam de zero a cem pontos, tendo os 50 como linha divisória, cuja distância, para mais ou para menos, define a intensidade dos movimentos da variável em questão.

O índice da produção foi de 56,3 pontos em março, mostrando crescimento em relação ao mês anterior. Foi o terceiro seguido, fato que não ocorria desde o primeiro trimestre de 2013. O mesmo desempenho foi registrado pelo nível de emprego, com o índice de março marcando 52,5 pontos. Os indicadores indicam crescimento mensal quando acima dos 50 pontos.

A indústria gaúcha ainda registra ociosidade elevada, mas ela vem caindo. Na passagem mensal, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) subiu 3,0 p.p., para 69,0%, mas o setor fechou o 1º trimestre ainda com capacidade ociosa: o grau médio histórico de março é de 71,6%. Porém, este é o terceiro mês consecutivo em que o índice de UCI em relação ao usual cresceu, chegando a 45,9 pontos. Os 50 pontos, nesse caso, representam o uso da capacidade no nível normal para o período.

A Sondagem de março de 2018 também mostrou que o nível dos estoques de produtos finais ficou praticamente estável em relação a fevereiro. O dado negativo, porém, foi a formação de estoques indesejados pela primeira vez desde novembro do ano passado. O índice de estoques em relação ao planejado pelas empresas atingiu 51,4 pontos, denotando, acima dos 50 pontos, estoques excessivos. É importante ressaltar, porém, que as empresas tendem a acumular estoques no mês de março: a média histórica do índice no mês é de 52,3 pontos. Além disso, o valor de março de 2018 foi o menor para o mês desde 2010.

Além dos indicadores mensais, a Sondagem Industrial trimestralmente acrescenta um conjunto de perguntas relacionadas às condições financeiras das empresas e aos principais problemas enfrentados.

Nesse sentido, o indicador de satisfação com a margem de lucro atingiu 42,1 pontos e o relativo à situação financeira foi de 47,6 pontos, revelando, abaixo dos 50 pontos, insatisfação, avaliação que pouco se alterou em relação ao trimestre anterior. Paralelamente, os empresários gaúchos consideraram as condições do crédito pouco menos adversas no primeiro trimestre do que no trimestre anterior: o índice de facilidade de acesso ao crédito subiu 39,4 para 41,1 pontos, o maior valor desde o quarto trimestre de 2013.

Valores menores 50 pontos revelam dificuldade.

O ranking dos maiores problemas enfrentados pela indústria gaúcha nos primeiros três meses de 2018 pouco se alterou frente ao do último trimestre de 2017, mudando somente suas posições. A elevada carga tributária foi considerada o principal problema, com 39,8% das assinalações, uma redução de 0,8 p.p. sobre o trimestre anterior, quando ocupou o segundo posto. Já a insuficiência de demanda interna, apontada por 37,6% das empresas, foi o segundo maior entrave para as empresas, 4 p.p. abaixo do trimestre anterior, quando foi o problema mais importante. A falta ou o alto custo das matérias-primas, que, assinalada por 25,3% dos respondentes, foi o problema que mais ganhou relevância no período: +8,0 p.p., passando da sexta para a terceira posição. A falta de capital de giro (20,4%), a competição desleal (18,1%), inadimplência de clientes (17,7%) e a taxa de juros elevada (17,2%) aparecem na sequência como os problemas mais frequentes no primeiro trimestre de 2018.

A indústria gaúcha continua otimista com os próximos seis meses. Todos os indicadores de expectativas de abril permaneceram acima dos 50 pontos e próximos dos registrados no mês anterior, com os empresários gaúchos projetando crescimento para a demanda (60,2 pontos), para as compras de matérias-primas (58,1 pontos), para o emprego (52,2 pontos) e para as exportações (58,1 pontos).

Por fim, outro resultado da Sondagem que atesta o cenário mais favorável para o setor foi a intenção de investir, cujo índice atingiu, em abril de 2018, o maior nível em quatro anos: 57,3 pontos. Quanto maior o índice, maior é a propensão para o investimento. Acima de 50 pontos, mostra que o percentual de empresas que tem intenção é superior ao percentual das empresas que não a tem. Em abril 2018, eles foram, respectivamente, de 59,8% e 40,2%.

Principais problemas enfrentados pela indústria gaúcha no trimestre (Em %)

	4º trim./2017	1º trim./2018
Nenhum	3,2%	2,7%
Demanda interna insuficiente	41,6%	37,6%
Demanda externa insuficiente	8,7%	9,5%
Competição com importados	9,1%	11,3%
Competição desleal	21,5%	18,1%
Dificuldades na logística de transporte	9,6%	10,0%
Falta ou alto custo de energia	10,1%	5,0%
Falta ou alto custo da matéria prima	17,4%	25,3%
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	5,9%	5,4%
Inadimplência dos clientes	18,7%	17,7%
Falta de capital de giro	19,2%	20,4%
Falta de financiamento de longo prazo	9,6%	10,9%
Taxas de juros elevadas	15,5%	17,2%
Burocracia excessiva	14,6%	14,0%
Insegurança jurídica	8,2%	9,1%
Taxa de câmbio	9,6%	11,3%
Elevada carga tributária	40,6%	39,8%
Outros	2,7%	2,7%

Fonte: FIERGS.

Confiança da indústria gaúcha volta a cair

Em abril de 2018, O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI-RS), calculado pela Fiergs, caiu 2,3 pontos em relação a março, atingindo 59,4 pontos. Essa foi a primeira queda desde junho de 2017, quando acumulou 9,0 pontos e levou o índice do mês anterior ao maior nível desde junho de 2010. A escala do indicador vai de zero a 100, e indica confiança quando o resultado fica acima de 50 pontos.

Entre março e abril de 2018, todos os indicadores que compõem o ICEI/RS caíram, mas permaneceram acima dos 50 pontos. Ou seja, apesar das quedas, os indicadores revelam que os empresários gaúchos percebem, assim como projetam, melhora da economia brasileira e de suas empresas.

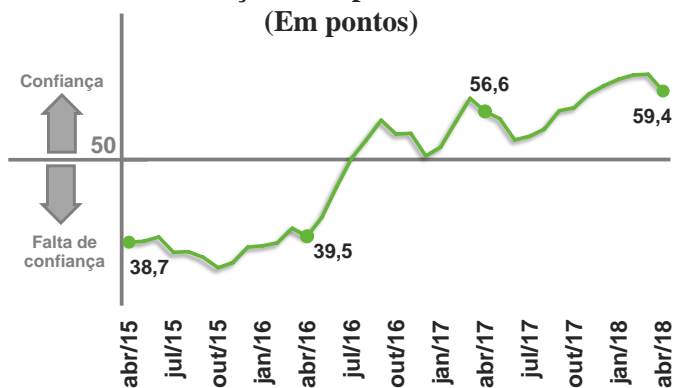
O Indicador de Condições Atuais (ICA) passou de 57,4 para 55,1 pontos no período. Entre os componentes, o Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira (ICA-EB) caiu de 57,6 para 54,9 pontos entre março e abril enquanto o Índice de Condições das Empresas (ICA-E) recuou de 57,5 para 55,2 pontos.

O Indicador de Expectativas (IE) para os próximos seis meses mostrou perspectivas positivas, mas menores na comparação com março: caiu de 63,9 para 61,6 pontos. Com 56,9 pontos em abril, o Índice de Expectativas da Economia Brasileira (IE-EB) recuou em relação a março quando o índice registrou 59,5 pontos. A redução do otimismo dos empresários

gaúchos em abril decorreu também das expectativas menos positivas em relação a sua empresa, componente que marcou 64,2 pontos em abril, uma queda de 1,9 ponto frente a março.

A queda na confiança do industrial gaúcho em abril interrompeu uma tendência de alta iniciada no segundo semestre do ano passado, que vinha na esteira da maior estabilidade política, da melhora da economia e da perspectiva de aprovação de reformas. Nesse sentido, o abandono da Reforma da Previdência e a grande indefinição do quadro eleitoral aumentaram a incerteza dos empresários em relação à trajetória futura da economia. Apesar disso, os indicadores continuaram no campo positivo, mantendo a perspectiva de continuidade processo de recuperação da atividade industrial nos próximos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Várias medidas serão necessárias para que se perceba a queda nos juros

Conforme debatemos no Informe Econômico do dia 26/03/2018, a queda na Taxa SELIC não foi acompanhada por uma redução na taxa de juros para os tomadores de empréstimos na mesma proporção. Durante o mês de abril, o debate em torno do elevado *spread* de crédito bancário ganhou força. Houve manifestações tanto pelo lado do Banco Central, que procura medidas para reduzi-lo, quanto pelo lado das instituições financeiras, que buscaram justificá-lo. Dando continuidade ao tema, no Informe Econômico do dia 16/04/2018 mostramos que a margem de lucro e a inadimplência são os principais elementos do *spread*. Nesse Informe, apresentaremos superficialmente algumas medidas que podem ser adotadas para cada um desses componentes.

O Brasil apresenta uma elevada concentração bancária, que se acentuou após a crise de 2008. Instituições que estavam fragilizadas naquele momento foram adquiridas por outras maiores com estrutura de capital mais sólida. Em 2015, conforme estudo do Banco Mundial, os três maiores bancos do País detinham 66% dos ativos. Nos Estados Unidos, a concentração bancária era de 35%, enquanto China e Argentina possuíam índice de 43%. A falta de concorrência pode ser um dos componentes

explicativos para essa elevada margem.

Todavia, precisamos ter claro que esse é um mercado delicado, e o incentivo à abertura deve ocorrer sem abdicar da correta regulação. Isso porque a ocorrência de um problema sistêmico nesse setor tende a gerar um dos piores tipos de crise econômica.

Por outro lado, a elevada regulação tende a tornar menos competitiva a operação de empresas menores. Nesse cenário, as *Fintechs*, empresas de tecnologia e com estrutura mais enxuta, são uma novidade que devem ajudar a aquecer a concorrência.

No caso da inadimplência, o cadastro positivo é uma inovação fundamental para a redução do *spread*. O peso da inadimplência também tende a ser mitigado ao passo que o crédito se torna mais colateralizado. O aumento das garantias reais traz maior segurança de recuperação de crédito por parte do emprestador. Entretanto, estudos mostram que o custo desse procedimento no Brasil é elevado, e o tempo médio chega a quatro anos.

O elevado *spread* de crédito é uma questão prioritária para o País. Não existe uma medida isolada capaz de resolver essa questão, mas um conjunto de políticas precisa ser adotado para que o consumidor final perceba o efeito dos juros mais baixos.